



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º à entrega
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	6950	120
Posseções ultramarinas (idem...)	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 744

30 DE AGOSTO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 29

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Peior que peste, diz-se d'aquillo de que se quer dizer mal.

Parece-nos exagêro.

Muito mansa vai ella no Porto, — um, dois casos por dia — e que enormes confusões tem produzido já, o que ella tem feito trabalhar os telegraphos, de que reboliços tem sido causa nas redacções dos jornaes, nos escriptorios de commercio, nos gabinetes dos ministros, nas salas de sessões das camaras!

O cordão sanitario em volta do Porto, aconselhado pela junta de saude, foi a pedra de maior escandalo, tendo pela demora na execução valido ao sr. José Luciano de Castro alguns cumprimentos pouco amaveis.

Apesar da importante manifestação de algumas centenas de commerciantes e industriaes, que no Porto se dirigiram á Camara Municipal e ao Governo Civil, as ordens foram dadas para que o cordão se estabelecesse.

Por essa occasião o sr. Pina Calado explicou os motivos porque havia pedido a exoneração do seu cargo e como depois achara que deviam ficar satisfeitos os peticionarios, visto ter-se providenciado por forma a que não faltassem na cidade os generos de alimentação nem deixasse de funcionar regularmente o commercio e a industria.

Alguns jornaes hespanhoes já haviam publicado a seguinte informação: «O nosso ministro, em Lisboa, telegraphou ao governo participando lhe que o presidente do conselho de ministros do reino visinho se negára a estabelecer o cordão sanitario ao redor do Porto, assumindo a responsabilidade d'essa decisão. Os representantes estrangeiros acreditados em Lisboa protestaram contra a resolução adoptada pelo chefe do governo portuguez.»

Commentando o facto, lia-se na *Epoca*: «As intrigas politicas venceram. Quando o governador do Porto já estava adoptando disposições para o isolamento da cidade, o governo teve medo dos motins e desistiu de estabelecer o cordão sanitario no Porto. O presidente do conselho de ministros assume a responsabilidade da medida. Se a epidemia se alastrar por Portugal e se propagar aos outros paizes, que responsabilidade pode ser exigida ao chefe do governo comparavel ao damno enorme que isso pode causar á humanidade?»

Como se vê, não havia outro remedio, e, apesar das reclamações dos negociantes, dos protestos da camara municipal, da demissão pedida pelo sr. Pina Calado e dos receios de maiores motins, o sr. presidente do conselho resolveu-se a pôr em pratica o que, ha muito, lhe fora aconselhado pela junta consultiva de saude.

O desnorreamento tem sido grande e, por isso não admira que no primeiro acto da tragedia se tenham dado episodios ultra-comicos.

Sobreleva a todos o da commissão de senhoras de Espinho, que na estação esperava o sr. conselheiro Alpoim na sua passagem para Lisboa, e lhe pediu para que usasse de toda a sua influencia, afim de impedir o estabelecimento do cordão sanitario.

O sr. Alpoim com certeza lhe pareceu brinca-

deira ao principio; mas, por fim, discursou, e, como sempre, discursou bem.

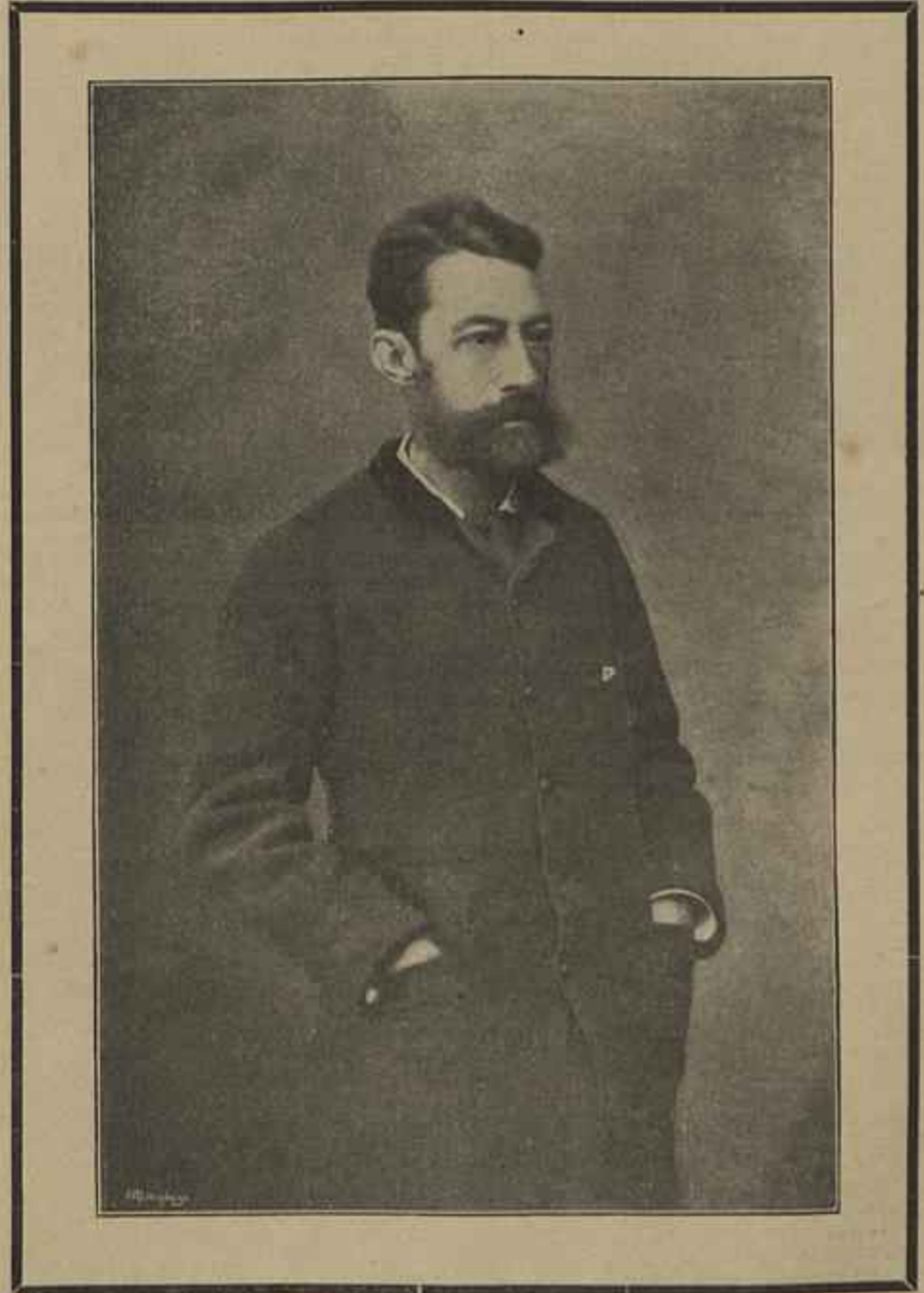
Nem com coisas serias como esta é licito brincar.

Do Porto teem sahido milhares de pessoas, no tribunal do commercio teem sido protestadas bastantes letras, varias officinas teem fechado, algumas fabricas começaram a despedir operarios.

Podem as notas comicas accumular-se, o caso vai sendo, como se vê, gravissimo.

No resto da provincia e em Lisboa parece ser satisfactoria a salubridade, tendo sido desmentidos os boatos aterradores, que por vezes teem corrido.

O Dr. Ricardo Jorge, cujo nome era uma das glorias da sciencia em Portugal, tem ultimamente recebido as mais eloquentes provas de apreço, que



DR. FRANCISCO MARTINS DE GOUVEIA MORAES SARMENTO

FALLECIDO EM 9 DO CORRENTE

boa compensação lhe devem ser aos pequeninos desgostos que lhe trouxeram a sua honradez inconcussa e lealdade, desde que a doença começou a manifestar-se e elle teve da sua appareição provas irrecusaveis.

Continuam em Lisboa as inspecções ás pessoas chegadas do Porto. Amiudam-se as visitas sanitarias. Os chefes dos diversos serviços municipaes reúnem-se para tratarem do saneamento da cidade. Procuramos, como se vê, defender-nos.

A vigilancia deve ser constante. Lisboa está n'um estado de porcaria lastimoso. As ruas estão cheias de lixo, as sargetas exhalam um fedor insupportavel.

Quando foi dos boatos de cholera, ha annos, muito lucrámos no aceio. Faça-se agora outro tanto e mais uma vez se confirme o ditado francez — *A quelque chose malheur est bon.*

Não podemos dizer que surpresas nos reserva o futuro, mas é de esperar que, com as medidas que se forem tomando, façam completo fiasco os terroristas.

O futuro pertence a Deus, os homens só podem fazer calculos de probabilidades, e se estas ainda se equilibram, ou pouco menos, no caso mais falado, que é, sem duvida, entre nós, o da peste, outro tanto não succede em França com o grande caso do fim do seculo. A absolvição de Dreyfus parece quasi certa.

O Dr. Labori, quasi curado do ferimento, fez ao general Mercier um interrogatorio habilissimo, deixando-o completamente aturdido. Nada de positivo se tem provado contra o réo, cada vez mais sympathico a todos pelo martyrio que heroicamente soffreu e continua soffrendo, embora mitigado pela esperanza cada vez mais luminosa.

O *Figaro* publica uma carta do barão Resmani, que foi embaixador de Italia em Paris, em que se lêem estes periodos: — «Sinto que a morte está proxima. Não me intimida; mas tenho pena de morrer antes de ver proclamada a innocencia do infeliz Dreyfus.»

O tenente commandante da escolta que acompanhava Dreyfus da prisão militar ao tribunal, tendo-se recusado a fazer ao réo a continencia militar, foi condemnado a trinta dias de prisão. Dreyfus foi effectivamente reintegrado no seu antigo posto e são-lhe devidas todas as honras militares que, apenas como accusado, não perdeu. Mas o facto da condemnação do tenente não deixa de ser significativo.

É possível que o julgamento dure ainda bastante tempo, devendo os debates, segundo se diz, demorarem alguns dias.

A agitação em França continua, exacerbada pela prisão de Sebastião Faure. Houve desordens no boulevard Magenta e nos arredores do Fort-Chabrol, tendo a multidão apedrejado a guarda republicana, que se viu obrigada a distribuir pranchadas, ferindo umas vinte pessoas.

Guérin continua com seus companheiros cercado no Fort-Chabrol. Parece fóra de duvida que receberam misteriosamente algumas provisões. Se assim foi, não é pela fome que tão depressa os hão de obrigar a entregar-se. No lixo que deitaram fóra encontraram-se muitos ossos de galinha.

O caso lembra episodios dos romances fantasticos de Alexandre Dumas, o auctor famoso dos *Trez Mosqueteiros*.

E quando deixarmos de falar da peste e de Dreyfus, veremos vasio o sacco das noticias.

Lisboa somnolenta, esmorecida na atmospheria calida e suspirando pelo sol posto, hora a que desperta uma brisa mais fresca do norte, apenas abre o olho e um sorriso, quando lhe falam de surpresas para o inverno, do theatro lyrico, do circo, da Réjane que ha de vir para dezembro.

Das quatro ás seis da tarde os transways vão cheios de gente.

No Estóvil abriu um novo club. É assim que se lhes chama agora. Concertos, esplendida iluminação, soirées, ceias... e mais uma ou outra coisa indifferente, de que se não fala, uns tapetes verdes, uns oleados com numeros...

Em Lisboa só está aberto todas as noites o theatro da Trindade, onde a companhia de Afonso Taveira continua, com bellas casas, a dar espectaculos variados: *Ali a Preta, Ali Baba, Dragões a'El rei, Vinte e oito dias de Clarinha*.

Nas horas vagas vai-se lendo descrições de bailes, festas, pic-nics, por essas praias e thermas. Depois boceja-se e vira-se a gente para o outro lado, como S. Lourenço na grelha: — D'este lado já está assado.

E de cidade tamanha, nem mais uma nova sequer! Nem uma anedocta para acabar!...

Só se fosse como a d'aquelle homem que só sabia contar uma historia que mettia um tiro e que de repente dizia:

— Não ouviram agora um tiro?... A proposito de tiro...

Mas esta mesma é velha como a Sé.

João da Camara.

Dr. Francisco Martins de Gouveia Moraes Sarmiento

Ha dias li n'um jornal a seguinte participação telegraphica: «Guimarães 9 — Falleceu o distincto archeologo Martins Sarmiento. Esta noticia causou profunda sensação.»

E depois de haver lido este despacho laconico, reflecti que vinha de morrer para a patria um benemerito consagrado legitimamente pelo trabalho util na mais ampla significação do termo.

O dr. Martins Sarmiento nasceu em março de 1833, encetou os seus estudos em 1841 e formou-se na faculdade de direito da nossa Universidade aos 20 annos.

«A 10 de julho de 1874, escreve um seu biographo, já então dedicando-se de coração aos estudos archeologicos, deu começo ás celebres explorações da Citania, no monte de S. Romão, na freguezia de Santo Estevão de Briteiros, d'este concelho, (o de Guimarães) e, em 1877, alargou esses trabalhos até ao monte fronteiro denominado de Sabroso, ruínas e vestigios pre-historicos, que foram visitados no 1.º de outubro de 1880 pelos sabios estrangeiros e nacionaes que celebraram o congresso anthropologico, inaugurado em Lisboa a 20 de setembro d'esse anno.»

Por essa occasião foi-lhe rendida n'um titulo honrosissimo uma brilhante e calorosa homenagem de justiça assignada por muitos congressistas eminentes.

Elle poderia ter dito como disse Barthelemy a proposito das medalhas do seu gabinete numismatico no seculo passado: «Se os meus successos me procuraram gosos agradaveis, por outro lado, a inserção escrupulosa e minuciosa costume bastantes trabalhos.»

A verdade porém, é que sem fadigas e investigações arduas não pôde conseguir-se um resultado seguro nas affirmações scientificas da Historia.

É a archeologia, conhecimento das antiguidades, fornece elementos preciosos que se tornam indispensaveis á satisfação plena do espirito na certeza dos factos.

Não é de sobra o escrupulo maximo nem a maior dose de paciencia para segurança completa de quem quer instruir-se e enobrecimento perduravel do investigador laborioso.

Todo o cuidado é pouco, acrescentando ainda á contensão e recolhimento das faculdades de que não pôde prescindir-se em archeologia, a despeza que é mister fazer em excavações e analyses e bem assim na aquisição de livros e de exemplares proprios a constituir elementos de comparação.

Quantos mais abundantes meios de fortuna possuir o archeologo e mais vasta instrucção geral em alliança com um criterio sísido não sujeito a precipitações faceis, tanto mais longe avançará no seu caminho de descobertas e de conquistas pacificas e gloriosas para a sciencia «mestra da vida» e melhor logrará accentuar no espirito dos contemporaneos o valor real das suas opiniões e a legitimidade do fundamento em que assentaram.

É não ficam só por ahí os titulos de respeito e de consideração pela pessoa do archeologo; transmitem-se ás idades futuras, insculpem-lhe o nome na aureola rutilante da fama, são fonte inexgotavel para os sabios.

O individuo que se chamou em Portugal, Francisco Martins de Gouveia Moraes Sarmiento, cujas pálpebras estão agora cerradas para o mundo, attingiu deversas as proporções perfeitas no ideal acabado d'um verdadeiro archeologo.

Incansavel nas suas lucubrações aturadas, convicto na apostolisação do ramo dos conhecimentos para que se sentia impellido por affeição natural, apaixonado singularmente no amor de exploração e averiguação esmerilhada, elle deu generosamente ao seu paiz um esforço frugifero na causa do progresso e uma prova monumental de grandeza d'alma.

Ao noticiarem o seu fallecimento, referiram-se differentes jornaes ás suas disposições testamentarias.

Vou extrahir para aqui, d'uma correspondencia de Guimarães, inserta no *Diario de Noticias*, n.º 12:095, de sexta feira 11 d'agosto, uma passa-

gem typica d'aquelle referido instrumento das ultimas vontades do finado.

É relativa á sociedade que se honra e orgulha pela adopção do seu nome, dizendo assim o auctor do escripto a que alludo: «lega-lhe parte do monte S. Romão, freguezia de Briteiros onde estão as ruínas da Citania e todos os aparelhos photographicos e clichés da Citania e Sabroso, a sua bibliotheca que é importante; a quinta do Carvalho, freguezia do Salvador de Briteiros para assegurar a conservação e continuação das excavações da Citania e outros monumentos archeologicos: Lega mais o seu palacete do Largo do Carmo para estabelecer qualquer instituição de harmonia com os seus fins.»

Traduz-se n'estas linhas um caracter elevado, que previne possiveis eventualidades de intermitencia para além da sua morte na ordem de trabalhos que mais o preocuparam, habilitando os estudiosos ao proseguimento tranquillo em materia tão predilecta ao seu espirito.

Louvor lhe seja dado perennalmente na patria portugueza! a sua memoria é digna de transpôr os áditos da eternidade! os serviços que elle prestou em prol da verdade historica são de molde a resistir a todas as velleidade da critica e a todas as tempestades do tempo!

Elle bem entendia que «Les monuments aussi-conforme escreveu Ampère na introdução da *Historia romana em Roma*, soit encore présents par leurs ruines, soit dont l'emplacement seul est connu, offrent à l'histoire des éclaircissements que rien ne saurait remplacer; ils parlent aux yeux ou à l'imagination, ils disent ce qui n'est aussi bien dit nulle part.»

O Dr. Martins Sarmiento era impervio a sentimentos de malevolencia e foi indefesso no seu campo de observação.

A França soube apreciar-lhe os quilates superiores da excellencia tornando-o cavalleiro da *Legião d'Honra* de que, aliás, não consta que elle tivesse usado a respectiva insignia.

E ao passo que um governo estrangeiro demonstrou assim não lhe serem indifferentes os meritos pessoas de um portuguez de nascimento illustre e de obras preclaras, olvidaram os governos da sua terra querida os testemunhos de deferencia que a justiça e o bom senso mandam conceder aos vultos gloriosos.

Não o seduzia por certo nem o envaideceria nunca a posse de veneras nacionaes, pois o Dr. Martins Sarmiento não ignorava que n'este paiz occidental das praias lusitanas alcançam-se facilmente condecorações a troco d'um bandeamento eleitoral e de algumas duzias de libras em moeda equivalente; mas o que devia calar desagradavelmente no mais fundo da sua consciencia de homem honesto era a ingratição dos seus compatriotas dirigentes.

Fallarão na posteridade pelo archeologo distinctissimo veneras de maior preço e condecorações mais puras: os seus livros, repletos de erudição e magnificos de ensinamento, *Os Lusitanos, Os Argonautas, Hora Maritima, Lusitanos, Ligures e Celtas*, etc., authenticam e alçando a sua physionomia moral nos fastos portuguezes do seculo xix.

Comparada a sua figura typica e o seu busto sympathico e venerando com a prosapia extravagante de tantos mandões laminas na esphera das sciencias e de tantos pygmeus reptantes só levantados do chão em assumpto de politica de campanario, tomam corpo as linhas luminosas do seu perfil que permanecerá transcendendo espaços nas azas de immortal renome, enquanto a catterva dos inuteis e dos farcantes se fór reduzindo a cadaver na putrefacção d'um papel de miserias e de lama.

O Dr. Martins Sarmiento cultivou igualmente a poesia e deixou artigos numerosos em diversas revistas e em muitos jornaes.

Devo registar n'este ponto com o devido elogio a deliberação tomada pela camara municipal de Guimarães de substituir a denominação de *Largo do Carmo*, que tinha o local da residencia do fallecido pela de *Praça do Archeologo Francisco Sarmiento*.

Em fim, resumirei tudo quanto houvesse ainda de dizer relativamente a Martins Sarmiento, transcrevendo estas palavras que ácerca do duque de Luynes sahiram da penna de Vinet, já citado por mim nas paginas do *OCCIDENTE*: «Ame tendre et austère à la fois, il a su mener de front la vie morale et intellectuelle, ne les séparant point pour mieux les fortifier. Peu d'hommes se sont montrés dignes à ce point du respect universel, et plus à l'abri de ces écarts, de ces défaillances de mœurs qui diminuent tout, même le génie, et qui effeuillent ses couronnes. Comme un simple bourgeois d'autrefois, il a pratiqué les vertus tranquil-

les, et il s'est montré le plus fervent adorateur des religions de la famille et des dieux domestiques.»

Que o Céu pague á alma do finado archeologo Sarmiento as injustiças da terra!

20 d'agosto de 1899.

D. Francisco de Noronha.



AS NOSSAS GRAVURAS

MONT'ESTORIL

Publicamos hoje mais tres gravuras do Mont'Estoril essa estancia encantadora que de anno para anno vae sendo mais frequentada e povoada de elegantes construcções. como as que temos descrito a pag.^{as} 134, 142 e 166 do presente volume.

As gravuras que hoje publicamos representam, a primeira: O *Chalet Montröse* edificado na avenida Trouville, no ponto mais elevado do monte, pelo que descobre um vastissimo panorama; deu o risco para este chalet o engenheiro sr. Teixeira Judice e foi mandado construir pelo sr. Thomaz Reynaldo, sendo hoje propriedade do sr. Kohn e habitado pelo sr. Weinstein. A segunda *Villa Leonor* que pertenceu ao sr. Eduardo Moser e é hoje propriedade do sr. Osorio Seabra, que ampliou a construcção com a casa onde está o *Petit Hotel*; a *Villa Leonor* era das mais encantadoras vivendas do Mont'Estoril pela elegancia e arte com que o sr. Moser a tinha mobilado. A terceira é uma das primeiras construcções que ali se fizeram pertencente hoje aos herdeiros do engenheiro sr. Almeida Pinheiro, que fez obra vasta e elegante no que dispendeu uns setenta contos; actualmente está ali estabelecido o Casino Internacional, luxuosamente mobilado com moveis vindos do estrangeiro.

PATEO D'UMA CASA DE GRANADA

Ó formoso reino de Granada! Ó mysterioso ninho de tradições poeticas, de jardins e romaneiras arabes. Quem desconhece tantos encantos que não busque vel-os?

No velho reino de Granada, onde as victorias de Navas de Tolosa, de Malaga, Baza, Guadix, Almeria, Almuñecar, Salobreña, e outras terras, lembram as portadas luctas contra o arabe, quantos vestigios não existem que a todo o instante lembram o imperio mahometano no reino granadino!

Os usos e os costumes tiram muito d'essas tradições. Mas a architectura synthetisa tudo quanto do melhor da sua civilisação legaram ás Hespanhas os inimigos da Cruz.

Vêde, caro leitor, esse pateo de uma casa de Granada, que reproduzimos na nossa estampa, e dizei-nos se não é profundamente arabe e d'uma vista original, d'uma graça de linhas, d'uns requintes decorativos orientaes?

E no reino de Granada que está a Alhambra — tomae bem sentido — e a Alhambra é a cidade arabe na sua mais nobre, delicada e formosa synthese. Na capella dos reis está a cidade christã, no pantheon de S. Jeronymo a mansão dos heroes. Depois de ter divagado por aquelles phantasticos salões solitarios, de ter orado junto d'esses sepulchros, quem não tem sentimento em afastar-se do reino encantado que empunhou o sceptro no auge do seu antigo esplendor? As columnas de marmore que sustentam as arcadas dos pateos floridos vão já cahindo ao pezo do tempo e enterrando no pó os seus capiteis dourados.

Mas no reino de Granada triumphou ha seculos a Cruz, e o Propheta não mais ahi foi ouvido. Na feérica Alhambra ficou apenas a magnificencia dos monarchas granadinos, nos alcaçares os rudes costumes dos africanos, nas acequias a sabia administração dos governos, e nas palmas decorativas está bem expressa a origem oriental dos seus guerreiros.

Quatro seculos já passaram, e Granada, perdida pelos mussulmanos, conserva ainda vivos e nitidos os documentos da sua realza e dos seus abencerragens.

Percorram-se as alamedas de Granada, palpem-se ruinas dos monumentos deixados por esse povo sobre que pezou um destino fatal; recorde-se na phantasia todo o passado brilhante da sua formosa cidade, e dizei espontaneamente: Granada rainha pela tradição e pela belleza.

POESIAS DE CAMÕES

Traduzidas em italiano por Prospero Peragallo

TEXTO PORTUGUEZ

MOTE ALHEIO

Se me d'esta terra for,
Eu vos levarei, amor.

Volts

Se me for e vos deixar
(Ponho por caso que possa),
Est'alma minha, que é vossa,
Comvosco me ha de ficar:
Assi que, só por levar
A minh'alma, se me for,
Vos levarei, meu amor.

Que mal pode maltratar-me,
Que comvosco seja mal?
Ou que bem pode ser tal,
Que sem vós possa alegrar-me?
O mal não pode enojar-me,
O meu bem será maior,
Se vos levar, meu amor.

VERSÃO ITALIANA

MOTTO ALIENO

Se di qui men partirò,
Meco, o amor, ti porterò.

Sviluppi

Se al partir ti ho da lasciar
(Supponiam pure che il possa),
L'alma mia, che è già in tua possa,
A te unita dee restar:
E però, perchè ho a portar
L'alma mia, se partirò,
Meco, o amor, ti condurrò.

Qual mal puote maltrattarmi,
Che con te sonta esser mal?
O qual bene esser può tal,
Senza te per allegarmi?
Nessun mal puote annoiarmi,
E il ben mio sarà maggior,
Se con me ti avrò, o mio amor.

SONETO CASTELHANO DE CAMÕES

Orfeo enamorado que tenia
Por la perdida Ninfa, que buscaba
En el Orco implacable donde estaba,
Con la arpa y con la voz la enternecia.

La rueda de Ixion no se movia,
Ningun atormentado se quejaba;
Las penas de los otros ablandaba,
Y todas las de todos él sentia.

El son pudo obligar de tal manera,
Que, en dulce galardón de lo cantado,
Los infernales Reyes condolidos,

Le mandaron volver su compañera...
Y volviola á perder el desdichado:
Con que fueron entrambos los perdidos!

VERSÃO ITALIANA DE PERAGALLO

Orfeo, che in suon dolcissimo piangea
La morte d'Euridice, che cercava
Nell'implacabil Orco, ove ella stava,
Coll'arpa e colla voce la molcea.

La ruota d'Ixion non si muovea,
Nessun dei tormentati si lagnava;
Ci le pene di tutti mitigava,
Ma di tutti in suo cor le pene avea.

Ebbe l'arte del suon sì gran potere,
Che, in premio sol del suo canto divino,
Gli Dei d'Inferni, alfin mossi a pietate,

Gli died la sua compagna a possidere...
Ma la perdette ancora Orfeo meschino:
Sicché dei due le sorti fur spietate!

GUADALETE ¹

.....
*Triunfará de vuestra Cruz
«La radiante media luna.
.....

JUAN WENZELAU MOHR.

Guizot exprimiu em tres simples phrases um conceito profundo e historicamente certo acerca do papel social dos adoradores do propheta da Arabia na civilisação do mundo: «L'invasion des Arabes a un caractere particulier. L'esprit de conquete et l'esprit de proselytisme y sont reunis. L'invasion est faite pour conquérir du territoire et pour repandre une foi.»

Depois do fallecimento de Mahomet, succedido no anno 632, seguiram-se-lhe immediatamente na auctoridade Abu-Bekre, Omar, Othman e Ali.

Homens educados na escola do propheta e dedicados incondicionalmente á sua pessoa, tomaram a peito quando elle já não existia continuar a obra de conversão dos povos e de propagação das doutrinas contidas no livro celeberrimo.

Ao tempo, apoiavam-se no vigor indomito de multidões fanatisadas que esperavam ansiosamente a ordem dos seus chefes para chacinar com a cimitarra todos os renitentes no acatamento do Alcorão.

Logo marcharam exercitos de arabes, exaltados pela idéa da conquista e da consentanea diffusão dos versiculos famosos.

N'aquelle periodo entusiastico de verdadeira loucura, baldou-se por toda a parte o esforço strategico da resistencia ao impeto selvagem de soldados que nada temiam, sorrindo-lhes morrer ao serviço do propheta pela certeza da immortalidade nos jardins sempre viçosos em que libariam em taças de ouro servidas por feiticeiras mulheres o nectar delicioso da ventura eterna.

Assim embriagados de sensualidade pelos prazeres em perspectiva, e commandados na marcha por caudilhos da sua confiança, realisaram n'um praso d'annos relativamente curto a tomada de posse da Syria, da Persia do Egypto e da India.

Quando o general Amru se apoderou da cidade de Alexandria, no Egypto, havia concluido o primeiro quartel do seculo vii.

Mais tarde, os arabes avançaram pelo norte da Africa, sendo detidos pelas aguas do oceano Atlantico.

Conta-se que o guerreiro Akbah, contrariado nos seus intentos de levar mais longe o estandarte da meia-lua, insignia symbolica do imperio mahometano, pronunciou na praia estas palavras notaveis:

«Grande Deus! porque me atalham o passo estas ondas? eu quizera ir até aos reinos desconhecidos do occidente, annunciar que tu és o unico Deus, e que Mahomet é o teu propheta; eu quizera fazer passar pelo gume da minha espada todos esses rebeldes, que adoram outro deus, que não és tu.»

Estas expressões vehementes são de molde a reflectir em toda a nudez a indole sectaria dos proselytos do Alcorão.

Nos primeiros annos do seculo viii Muza, governava na Africa pelo califa, titulo que se arrogaram os individuos que succederam a Mahomet no mando suprêmo. A Hespanha vinha mantida hierarquicamente na descendencia dos godos.

Foi então que teve logar a invasão dos arabes na peninsula iberica.

Assim como na vida dos homens, considerados isoladamente, occorrem factos não mais esquecidos por muito longa que ella seja, assim tambem, na existencia collectiva dos povos incidem acontecimentos de importancia extraordinaria, que permanecem indeleveis na memoria das gentes e ficam gravados nas paginas da Historia.

Participou da natureza d'estes ultimos a batalha sanguinolenta de Guadalete, pelega homerica que, rodados mais de dez seculos, inspirou nos nossos dias ao distincto poeta Espronceda versos d'esta contextura communicativa e vibrante:

¹ Os artigos intitulados *Arabia, Mahomet e Guadalete* foram escriptos como complemento dos publicados aqui em 1897 sob o titulo *Na Iberia* e em 1898 *A Victoria de Carlos Martel*.

«Hombres con hombres con furor se estrellan
 «Con golpes reciamente redoblados,
 «Lo arrasam todo y todo lo atropellan,
 «Hienden, rajan, destrozan irritados;
 «Armas, muertos, caballos, carros huellan
 «Con espantoso estruendo derribados;
 «Ielmos, picas, turbantes, sangre ardiente
 «Envuelve el Guadalete juntamente.»

Disse Rabbe no *Résumé de l'Histoire d'Espagne*, que: «Os historiadores não estão inteiramente d'accôrdo sobre as causas da invasão dos Moiros» e acrescentou em seguida que: «A crítica severa dos modernos regeitou a historia da violação da filha do conde Julião por Rodrigo, último rei dos Godos...»

Também eu commungo na mesma opinião, sendo certo como é na verdade, haverem militado motivos sobejos de ordem politica, explicando de maneira suavisada o caso em questão.

Na seguinte passagem do falecido professor Viale, acha-se, a meu vêr compendiada em resumo a sua razão proxima: «Occupava o throno D. Rodrigo, filho de um duque de Cordova a quem o rei Witiza mandara arrancar os olhos. Por desejo de vingança e espirito de ambição, tomara armas contra o tyranno Witiza; tinha-o vencido e havia usurpado a corôa. D'aqui se seguiram dissensões, desordens, anarchia. Os filhos e os adherentes do principe desenthronizado, e entre estes o conde Julião, governador da Tingitania (*Africa visi-gothica*), chamaram os sarracenos em seu auxilio.»



MONT'ESTORIL. — CHALET MONTROSE



MONT'ESTORIL. — VILLA LEONOR

No numero dos descontentes deve incluir-se Oppas, que via na pessoa do monarcha um obstaculo sério á satisfação do seu desejo de sentar-se na cadeira arcebispa de Toledo.

Muza, deu-se pressa no acolhimento de taes propostas e dos seus respectivos emissarios, ordenando a Taric-ben-Zeyad que passasse á Hespanha.

Era este, seu «logar-tenente» na Mauritania, e indicado pela sua bravura ao desempenho da missão que acabava de lhe ser confiada.

O valente general arabe, depois de se assenhorar de Calpe, fortificando-se, internou-se de progresso em progresso no encalço do exercito godo para uma acção decisiva.

Por ter toda a auctoridade que merece um trabalho bebido nas proprias fontes dos escriptores arabes darei a palavra n'este ponto a De Marlès, que acompanhou Joseph Conde: «Les armées se trouverent en présence, dans la plaine que traverse le Guadalète, à deux lieues de Cadix, et près de la place où s'élève aujourd'hui Xerez de la Frontera.

Ce fut deux jours après la lune de ramazan. La bataille commença dès le point du jour, et elle se soutint jusqu' à la nuit avec des succès balancés. On continua le lendemain de se battre avec le même acharnement, jusqu' à ce que la nuit vint de nouveau séparer les combattans. Le troisième jour Taric s'aperçut que les Goths avaient quelque avantage, et que les Arabes, découragés par cette longue résistance, cédaient peu à peu le terrain.

Aussitôt il parcourt les rangs, et s'adressant aux soldats: «Musulmans, leur dit-il, vous, les vainqueurs d'Almagreb, où allez-vous, maintenant? Ne voyez-vous pas que la fuite vous mène à la mort? Devant vous est l'ennemi, derrière est la mer avec ses abîmes. Il n'est pour vous de salut qu'en votre dieu, courage, d'espérance qu'en votre Musulmans! suivez mon exemple!» A ces mots il s'enfonça au milieu des chrétiens, les plus braves l'imitent: de son cimetière il écarte tout ce qui s'oppose à son passage, il parvient jusqu' aux bannières des Goths, et, reconnaissant Rodrigue aux marques de la royauté, il précipite vers lui son cheval, le frappe de sa lance, et le prive à la fois du trône et de la vie. Animés par leur général, les Arabes avaient fait les plus grands efforts, et déjà les Goths commençaient de plier, lorsque leur roi reçut le coup mortel. Dès ce moment la victoire cessa d'être incertaine; les Goths, enfoncés de toutes parts, couvrirent la terre de leurs cadavres; et les Arabes, se mettant à la poursuite des fuyards, en firent perir encore un grand nombre.»

O fatal recontro que teve por arena a bella Andaluzia e por medição do tempo o anno 711, foi um occaso de lucto e de lagrimas na hora derradeira d'uma civilisação secular e a deslumbrante alvorada para os triumphadores, nos novos dominios em que se implantava a lei de Mahomet.

A palavra Gibraltar que designa actualmente o estreito que liga o Mediterraneo ao Atlantico e separa a Hespanha do imperio marroquino, foi o



MONT'ESTORIL. — CASINO INTERNACIONAL

termo em que veio a parar nos cyclos dos annos a antiga denominação de *Gabal-Taric*, montanha de Taric, o qual, ao desembarcar outr'ora na Iberia, fez levantar trincheiras ao pé do monte de Calpe.

O mesmo nome tem igualmente a esplendida praça de guerra ingleza que substituiu as coisas do passado.

Taric, cujas victorias assignaladas, despertaram

desenlace de Guadalete, bastante anterior a elles.

Os arabes nunca açambarcaram totalmente a Iberia, e bem posso repetir com Littré, nos *Estudos sobre os barbaros e a Idade Media*: «*Pour tant l'Espagne ne fut jamais complètement aliénée; et il suffit de quelques fugitifs retirés en des lieux de difficile accès, pour disputer d'abord un coin de terre, puis une province, puis le pays tout entier.*»

Ser soberano, proclamado por Mahomet em todas as linhas do Alcorão, e romperia das Asturias na bôca de Pelagio o grito retumbante da autonomia e independencia, que Fernando e Isabel seriam chamados a consolidar.

D. Francisco de Noronha.



PATEO DE UMA CASA DE GRANADA

em Muza toda a ruindade propria do cume corbarde, intrigado pelo emir junto do califa Walid, esteve em grave risco de acabar com labeo de infamia uma carreira militar de immenso brilho. Foi todavia o alliado do conde Julião e dos seus sequazes quem findou os dias da vida ralado de desgostos em parte incerta da Arabia, victima da crueldade ferina de Suleyman que succedera a Walid no califado de Damasco.

Deixemos porém de lado a noticia historica d'estes factos estranhos ás scenas passadas na nossa península e que em nada influiram para o

Os maus governos e o concomitante desenfreamento das paixões politicas, preparando a decadencia da monarchia goda, foram os elementos de melhor alcance e de mais opima valia dentro do circuito dos invasores.

E se as forças que venceram em Guadalete houvessem tido a sua frente o proprio propheta resuscitado, muito outra teria sido a evolução no solo mais occidental da Europa e é provavel que não tivessem assomado no nimbo da Historia os nomes de Castella e de Portugal.

Mas velava pela Cruz a intelligencia summa do

O THOMÉ EM BOLANDAS

HUMORESCO

Por F. A. Janvier

(Continuado do numero anterior)

Debruçada sobre o cabaz, arredou com(mão tremula o guardanapo, e removeu a camada de jornaes. E para ali jazia o Thomé, rigido, deitado de costas, com as patinhas cinzentas cruzadas no peito alvadio. Ao encarar com o defunto, sabe

Deus quanto lhe custou a reprimir um soluço! — O policia e o cocheiro inclinaram-se, viram o Thomé e deram-se por convencidos, plagiando assim um bemaventurado do mesmo nome.

O homenzinho ficou-se, até que, quando viu Mrs. Harvey installada no trem e fechar-se a porta, saltou para a almofada, e d'alli, debruçando-se para a vidraça da frente, replicou: essa cantiga da policia é obra já muito batida. Quer ir à estação, lá por isso nam seja a duvida, levo-a lá num rufo. Mas nam sei se sabe que está lá sempre um policia parado à porta, e s'a senhora se quizer fazer fina, e d'aqui até lá o negocio não ficar combinado, eu é que a entrego à policia, com o nené morto e tudo!

Proferida esta ameaça, tocou o cocheiro os cavalos, e o trem rodou de escantilhão pela rua abaixo.

A irritação de Mrs. Harvey subira a ponto que, antes mesmo que tivéra ensejo de retorquir a tamanha insolencia, mal o teria conseguido. A ira estrangulava-a! Por momentos, ficou até incapaz de pensar com coherencia. A medida, porém, que se ia aproximando da estação, aclararam-se-lhe as ideias, e assentou proceder com energia. Estava mais do que convencida de que a ameaça do cocheiro era a valer: e que o modo unico de lhe impatar as vazas era andar-lhe adiante — isto é — reclamar ella a protecção de um policia. Era mais que provavel — bem o sabia — resultar de semelhante alvitre ir o negocio, escripto e escarrado, bailar aos jornais; e, com os olhos do pensamento, via já até dançar na sua frente, afflictiva visão, titulos sensacionaes do teor seguinte: — «Uma senhora e um gato morto.» — A esposa do cambista Harvey tenta sepultar um defunto felino — e assim por diante. — Via-se porem em transe desesperado, e o desespero impellia-a, não havia que recuar. Uma serie de azares inevitaveis collocára-a frente a frente com o demonio. Não havia outro remedio senão atirar-se a elle com unhas e dentes.

Parou o trem à porta da estação. A meia duzia de passos da entrada, perfilava-se um policia, com aquelle arzinho de aborrecido, tão especial aos da profissão.

O cocheiro desceu da almofada e chegou-se à porta do trem. Debruçou-se no postigo e, com a mão no feixo, perguntou:

— Atão, está ou não está pelo nosso ajuste?

— Pobre Mrs. Harvey! Foi como se lhe chegasse um fosforo! Como resposta unica, em voz estridula, bradou: Policia! O policia interrompeu a torcedela das guias do bigode e, n'um apice, eil-o postado à porta do trem.

— Camarada! Este homem é muitissimo atrevido! disse. — Se não está doido, bebeu de mais! — Faça favor de ter mão n'elle, enquanto eu desço do trem.

O cocheiro esperava tudo menos ver o feitiço virado assim contra o feitiço, no entanto, não tardou a cahir em si. — Esta sujeita leva um criança morto ahí dentro d'esse cabaz — que lh'o digo eu! — por signal, qu'até me offereceu cem dollars se eu o quizesse interrar, com o'outro que diz, á capucha! — Vai eu trouxe-a para aqui, pr'o camarada lhe botar a unha. — E é o que foi.

— Dentro d'este cabaz, o que eu levo é um gato morto — adduziu, em tom firme, Mrs. Harvey. — Quer que erga a tampa, para verificar?

— A modos que nam seria mau — replicou o policia, a quem o instincto profissional induzia a mirar com desconfiança cabazes com desusadas proporções.

Mrs. Harvey adquiriu dolorosa convicção de que se ia ajuntando um magóte, cujos membros a estavam espreitando por cima do hombro, quer do policia, quer do cocheiro, com assaz jovial curiosidade. Se n'aquelle mesmo instante se tivesse aberto o chão e a houvesse tragado, que satisfação para ella! Como, porém, não havia que esperar allivio cataclismico da referida especie, fez o que tinha a fazer.

— Você o que é, é uma grande cavalgada — hade permittir que l'o diga, — disse polidamente o primeiro ao segundo.

— Não fui eu, foi ella quem teve a culpa, replicou o cocheiro em tom offendido. — Quem diabo se haverá de lembrar que uma senhora toda janota havia d'andar a passear com um gato morto impandeirado!

— Por favor, veja se affasta essa gente e acompanhe-me até ao trem — implorou Mrs. Harvey em voz baixa. A sua mais cara ambição n'aquelle momento, era ver-se, em fim, ao abrigo das paredes do proprio domicilio.

— Este pedaço d'asno — com idade de ter mais juizo, sujeitou-a a este incommodo; e, veja lá, se quer alguma coisa d'elle — vae d'aqui p'rá estação, em quanto o demo esfrega um olho. — Salto pr'a almofada e ála que se faz tarde!

— Nada — nada! atalhou Mrs. Harvey.

— Ajude-me a romper por entre esta malta — e acabou-se.

— Como queira — e já aqui não está quem falou. Hé lá? — toca a girar — vão tratar da sua vida.

A turba, cedendo á intimação arredou-se e abriu espaço, e, escoltada pelo policia, atencioso, que carregou com o cabaz, Mrs. Harvey atravessou o passeio e penetrou na estação. Quiz a sorte que estivesse um comboio a largar. D'alli a dois minutos ella lá ia levada, caminho de casa, com o cabaz — atalhe do Thomé — aos pés, entregue á agonia dos proprios pensamentos. Entre estes predominava um e vinha a ser que, se alguém, em dias de sua vida, a tornasse a apanhar com outro gato morto, em caminho do arrabalde, ella se não chamasse Mrs. Harvey!

Davam seis horas quando chegou a casa. Avisada pela experiencia, concedera aos tranvias larga folga e, ao sahir da estação, metera-se n'um trem, ao cocheiro do qual não fez propostas referentes ás disposições funerarias dos restos do Thomé.

Regressar a casa, posto que não cumprida a sua missão, e com o Thomé ainda, por assim dizer, em cima dos hombros, foi para ella grande allivio. Ali, ao menos, estava salva. Alimentára a fagueira esperanza de encontrar já de volta Mr. Harvey, — pois estava ansiosa por confiar a historia do seu desaire a quem mais podia sympathisar com a sua magua — se não quando, soffreu novo, que não menor, desapontamento ao encontrar um telegrama sobre a meza da sala de entrada, annunciando-lhe que o marido, detido pelo tal negocio do syndicato, só poderia estar de volta no trem da meia noite. Dava-se, porém, por tão feliz de se ver livre de semelhantes assados, e s'ua e a salvo das suas portas a dentro, que não desanimou com a decepção. E o facto é que o sentimento da tranquillidade e segurança lhe fez renascer a alegria.

Pareceu-lhe acção descaravel deixar ali o Thomé toda a noite, quer na adéga quer no pateo. A despeito dos trabalhos em que a metera, queria-lhe ainda com ternura; e, mercê do affecto que lhe consagrava, resolveu que o falecido passaria a sua derradeira noite na sua habitua aposentadoria, isto é, no tocador da sobredita Mrs. Harvey, muito junto ao cestinho — cama que a sua innocencia havia occupado até ali durante as horas de repouso. Ficou, pois, assente este caso, e Mrs. Harvey sentou-se á meza com appetite — os trabalhos todos que passára tornaram-lhe imperiosa a ingestão de um pouco de alimento solido — e, assim que deram nove horas — caso sem precedentes na sua vida, resolveu meter-se na cama. — A excitação imposta aos seus nervos por aquelle dia tão aziago, deixára-a, por assim dizer, rendida; prostrada de todo. Sem embargo do seu estado, não deixou, porém, de lhe occorrer que Mr. Harvey, ao regressar a casa quem sabe quando e lá por noite velha, havia de vir com fome, e como confortativos, deixou-lhe de prevenção em cima do aparador uma garrafa de Xerés e um prato com biscoitos, nem lhe esqueceu a caixa de charutos, aberta, sobre a meza do escriptorio, para se acaso lhe apetecesse tomar a sua fumaça, linda a refeição. Concluidos que foram tão zelosos aprestes, foi-se deitar e dormiu que nem pedra em poço. O ultimo pensamento de que teve consciencia dizia respeito a certa rigida figurinha, jazendo no quarto immediato; e, ao deslizar brandamente nos braços de morpheu, as lagrimas borbotavam-lhe n'aquelles olhos já meio adormecidos. Mrs. Harvey accordou estremunhada, e com um sentimento assaz curioso de que accordava com o fim unico de desempenhar immediatamente dever importantissimo.

A tal ponto a dominava este sentimento, que se encontrou fóra do leito e de chinellas, muito antes de que a razão ainda adormecida lhe afirmasse que não tinha dever urgente, qualquer que fosse, a cumprir. Que coisa tão exquisita, pensou de si para si. A um lado do seu tocador, uma luzinha de gaz tremelozia no respectivo bico. Deu volta á torneira e consultou o relójo. Passava um nadinha das três. E, lá fóra, chovia a cantaros. Estava, a este tempo, já acordada o bastante para perceber que o bom senso lhe aconselhava o meter-se na cama, outra vez. Concluiu, pois, que estivera sonhando.

Seguindo os dictames do bom senso, dispunha-se a apagar o gaz, eis se não quando, lhe vem ferir o olfacto um cheiro muito activo a tabaco de fumo. Esta circumstancia vinha esclarecer os factos. Mr. Harvey voltára para casa — comquanto a intrigasse um tanto como é que elle conseguira desvenenhar-se tão cedo — e accordára-a com a bulha que fizera ao fechar o portão, despertando-lhe ao mesmo tempo na mente o sentimento de

que tinha um dever a cumprir. O que era esse dever sabia-o ella agora de sobejo: vinha a ser descer ao escriptorio para o felicitar de ter conseguido despachar-se tão cedo, e contar-lhe, em todo o socego, a historia do seu dia attribuido entretimentos elle saboreava o seu havano. As cinco horas de somno descansado haviam-lhe socegado os nervos; avaliava bem o prazer e a surpresa que a sua subita apparição não deixariam de certo de causar á sua outra metade; e a perspectiva de tão inconveniente *tête-à-tête*, ás tres horas da manhã, com o seu marido, tinha um certo saborinho de aventura que muito lhe realçava o bom humor.

Nas actuaes circumstancias não havia necessidade urgente de pensar em esmeros de toilette. Enfiou a pressa uma bata de cachemira azul, que merecera ao senhor Harvey decisiva approvação. — Mrs. Harvey era pronunciadamente loira, abundantissimos os seus aureos cabellos, e o azul ficava-lhe a matar — não falando n'um par de chinellas turcas de marroquim azul, recamadas de prata, que assaz vantajosamente realçavam a brancura dos seus tão diminutos pésinhos. D'este modo ataviada, abriu de mansinho a porta do seu quarto de cama e, de mansinho tambem, deslisou pelos degraus da escada. Havia que evitar a bulha, o exito da sua empreza estava dependente da mais ou menos completa surpresa.

A residencia dos conjuges Harvey pertencia ao mais antiquado typo de construcções urbanas de Philadelphia, e era a mais commoda e conchegada que fóra até ali planeada em qualquer cidade. Na parte trazeira do edificio, assaz fundo, era situada a casa de jantar, á qual dava accesso um curto lanço de escada, partindo da sala grande da frente. Na rectangular d'esta, e fazendo verdadeiramente corpo commum quando, ao fundo, as largas portas de dobradiça se abriam de par em par, ficava o escriptorio. Para o primeiro, da parte fronteira do proedio, subia-se, da casa de jantar, um lanço de poucos degraus. No aposento da frente, n'este pavimento — o quarto de dormir de Mrs. Harvey — penetrava-se por extenso corredor que ia dar á referida escada; ao fundo, abrindo tambem para o corredor, ficava o quarto de vestir da mesma senhora, que servira outr'ora de alcova ao Thomé, e onde n'este momento jazia o defunto, dentro do cabaz de prata, envolto em camada de jornaes e repousando por *omnia secula*.

A medida que Mrs. Harvey progredia, em biquinhos de pésinhos, ou antes, de chinellinhas turcas, os effluvios do tabaco de fumo iam sendo mais fortes, e quando alcançou o patim do lanço de escada, viu atravez da porta da casa de jantar que estava aberto o gaz no escriptorio, ardendo a toda a força. Desceu a escada com a maxima cautela, rindo com gosto de si para si, ao pensar no grau de agradável surpresa que ia causar a Mr. Harvey; d'alli a um ou dois minutos, assomou sem ruido á porta da casa de jantar. D'este ponto a vista percorria o escriptorio sem encontrar o minimo obstaculo. Elle lá estava, não havia que duvidar; pelo menos, um cotovelo e uma perna projectavam-se lateralmente dos contornos da commoda poltrona á Voltaire que occupava e, depositado no chão, ao pé d'elle, o respectivo saquinho de viagem. — A julgar pelas apparencias, repimpava-se com toda a commodidade. Muito á mão sobre o buffete do escriptorio, a garrafa de xerés e um copo grande — e note-se que a Mrs. Harvey isto não deixou de fazer especie, o marido, tão rigoroso e niquento n'estas coisas, a beber xerés por um copo d'agua! — E, inconveniente apropinquação ao liquido confortativo, lá estava aberta a caixa dos charutos. Por cima de tudo pairava nuvem densa, signal manifesto de que estava entregue com ardor ás delicias do fumo do tabaco.

O plano de campanha da terna Mrs. Harvey consistia em ir pé ante-pé até ás costas da cadeira, e de subito, tapar ao conjuge os olhos com as lindas e alvas mãozinhas. Tão innocente brincadeira, anticipava a gentil senhora, fal-o-hia dar um pulo. E de si para si pensava, que rica partida não era o fazer com que elle desse um pulo.

A bata azul que a envolvia era de fazenda muito leve e como tal agitava-se sem ruido, e os pésinhos nas respectivas chinellas deslisavam tambem sem fazer bulha; favorecida por taes circumstancias, alcançou a méta sem ser presentida, e estava no acto de avançar as mãozinhas por cima das costas da cadeira, eis se não quando, fez uma descoberta deveras assustadora; a cabeça contra a qual se estava esgrimindo a sua strategica não ostentava a densa melena de cabellos castanhos — qual a cerviz de Mr. Harvey — mas sim magra poupa de farripas pardacentas, emmolurando com assaz de irregularidade o toutiço carca! Mal que deu por tão subidamente desconcertadoras condições craneaes, naturalmente,

escondendo logo a escova debaixo do avental.

O Martinho dá umas punhadas na mesa.

— Queira deixar-me!... Olhem que casa esta! Pois ainda se não tratam como irmãos, hein?

O João fica-se calado e a Gertrudes escova-lhe as costas a toda a força.

— Aposto que ainda não trocaram um beijo?

A Gertrudes, ao ouvir tal, deixa cair a escova. O João faz: «Hum!» e põe-se, atrefado, no ferro para a lama das botas que está defronte da porta, a fazer girar a roseta d'uma das esporas.

— Está claro que é preciso! Toca!

O João dá meia volta e começa a torcer os bigodes: espera sair da fatal situação assumindo uns ares conquistadores, mas nem sequer tom animo para se inclinar para ella. Estacou. á espera que ella approxime sua bocca estendendo-lhe os labios; toca-lhes com os d'elle, tremulos, e sente um leve calafrio percorrer lhe o corpo.

Foi um instante. E ficam-se os dois, um ao lado do outro muito vermelhos, sorrindo timidamente.

O Martinho bate com os punhos nos joelhos, dizendo ter assistido a uma scena comica de arrebatamento de riso. Depois bruscamente levanta-se e vai-se embora. Leva consigo a felicidade para a solidão.

V

À tarde, os dois irmãos vão juntos para o moinho. Gertrudes, á janella, segue-os com o olhar; o João volta-se, e ella sorri-se e esconde a cara detraz da cortina.

No limiar da porta, o João pára; encosta-se a um dos batentes e deita um olhar profundamente commovido para a penumbra da velha e querida casa, enquanto o barulho das rodas lhe chega ensurdecedor aos ouvidos e nuvens cinzentas de farinha, poeira de farelos e vapores da agua levadas pelas correntes d'ar, lhe fustigam as faces.

Na frente d'elles alinham-se em seus competentes logares as diferentes rodas do moinho. Á esquerda, encostadas ao muro, as velhas peneiras para a farinha fina, depois o pilão e a mó de trituração, que ainda deixa as sementes misturadas com a farinha, depois a mó de alimpar que descasca a cevada, e finalmente um cylindro de systema novo, que, durante a ausencia d'elle, veio juntar-se aos outros. Ha tambem um parafuso sem fim e um tubo ascensor. Assim o requerem as modas novas.

O Martinho com as mãos nas algibeiras das calças, socegado, satisfeito, remeche na bocca o seu cachimbo curto. Depois leva o João pela mão para lhe explicar os apparatus novos; mostra-lhe a farinha muito fina apanhada pelo parafuso sem fim, passando pelo tubo ascensor, por onde umas trjellinhas ao longo d'uma correia circular a levam até ao segundo andar, quasi até ao espigão do telhado, para logo a deitarem nos tubos de seda cylindricos, pois que precisa atravessar em pó finissimo aquelle tecido apertado antes que deva servir.

Mal respirando, o João escuta, apanhando aqui ou ali as frases raras que o irmão só pronuncia por fragmentos; e fica espantado de ver até que ponto um homem pôde embrutecer n'um regimento, porque tudo aquillo lhe parece hebraico.

O negocio vai ás mil maravilhas. Todas as mós trabalham e não teem mãos a medir os empregados do moinho, lá em cima deitando o grão nas tremonhas, cá em baixo vigiando a sahida da farinha e das sementes.

— Tenho cá trez, disse o Martinho apontando para os companheiros, brancos como neve, que, ora um ora outro, sobem ou descem de catrapuz pela escada.

— E o David ainda cá está? perguntou o João.

— Está claro, respondeu o Martinho fazendo uma careta.

Dir-se-hia que só a idéa de que o David houvesse de deixar o moinho o enchia de terror. O João pôz-se a rir.

— E onde está esse velhote?

— David! O David!

E a voz vibrante do Martinho retine pela casa, dominando o barulho das rodas.

Então, do canto escuro das maquinas, cuja massa gigantesca surge de baixo, de traz dos madeiramentos das rodas, avança lentamente um vulto comprido, vacillante, cheio de farinha dos pés á cabeça. Vê-se-lhe o rosto pallido em que só se lê aquella estupidez que os annos produzem, um nariz algum tanto vermelho que desce até ao queixo cheio de bocadinhos de palha; uns olhos sem brilho e desconfiados que se escondem sob uns superciliós arripiados, uma bocca que parece agitada por um mascar constante.



VISCONDE DE VILLA NOVA DE OUREM

FALLECIDO EM 15 DO CORRENTE

— Que deseja, patrão? pergunta, parando entre os dois irmãos, sem tirar da bocca o cachimbo de gesso que pende e baloiça entre os labios.

— Cá está elle! diz o Martinho batendo no hombro do velho, enquanto pelo rosto lhe passa um sorriso de terno respeito.

— Já me não conheces, David? diz-lhe o João estendendo-lhe a mão amigavelmente.

O velho deita para longe, por entre os dentes, um jacto de saliva escura, scisma um instante e rosna:

— Porque não havia de conhecê-lo?

— E como vai isso?

O velho torna a scismar, coça a cabeça e diz:

— Pois como havia de ir?

Depois entrem-se a star e a desatar nos dedos o cordel d'um sacco de farinha, e, quando se convence de que mais nada querem d'elle, safa-se e desaparece lá no seu canto escuro.

O Martinho está radiante.

— Um coração dedicado! Ha vinte e oito annos que esta ao serviço da casa, hein? E sempre trabalhador, cumprindo fielmente o seu dever!

— Mas o que é que elle faz afinal?

O Martinho fica atrapalhado.

— Sim... bem vêes... não se pode bem dizer... É um logar de confiança... Um coração dedicado!

— E esse coração dedicado ainda, uma vez por outra, palma o seu bocado de farinha de dentro do sacco? pergunta o João a rir.

O Martinho encolhe os hombros com ar nada contenté e murmura coisa parecida com: «Vinte e oito annos de casa... fechar os olhos.»

— Parece-me que o homem tem-me ainda atravessado, porque me atrevi a descobrir onde era que elle, como a marmota, escondia o que podia roubar.

— Tens essa espinha contra elle, rosna o Martinho; e a Gertrudes tambem... São injustos, cruelmente injustos!

O João, muito alegre, sacode a cabeça e apontando para uma porta que dá para um quarto, ha pouco arranjado com um tabique:

— E isto aqui o que é? pergunta.

O Martinho, atrapalhado, meneia a cabeça de vagar.

— O meu escriptorio, balbucia por fim.

E, como o João se dispuzesse para abrir a porta, precipita-se e pucha-o para traz pelas abas do casaco.

— Peço-te, não entres nunca aqui! Nem hoje... nunca! Tenho as minhas razões.

O João olha para elle desconfiado. Está quasi para lhe perguntar: «E desde quando tens segredos para mim? mas o rogo que lê nos olhos francos do irmão tapa-lhe a bocca. E saem os dois do moinho de braço dado.

(Continúa).

NECROLOGIA

VISCONDE DE VILLA NOVA DE OUREM

Com 67 annos de idade, morreu no dia 10 de agosto, o general de divisão Elessbão José de Bettencourt Lapa, segundo visconde de Villa Nova de Ourem.

Tendo assentado praça em artilheria no anno de 1849, exerceu varias commissões importantes, até ao posto de general de brigada, passando então no posto immediato ao quadro auxiliar, por limite de idade.

Foi commandante do regimento n.º 4 de artilheria, governador de Diu e governador geral da India, lugar em que soffreu os maiores dissabores e lhe acarretou um sem numero de desgostos. Muita vez sollicitou, sem nunca ser attendido, que lhe fosse permitido publicar o seu relatório ao governo. Estão na memoria de todos os casos gravissimos que se deram na India portugueza durante o governo do Visconde. Vivia elle por isso com tristeza profunda.

Era ultimamente governador do campo entrincheirado de Lisboa.

Fora agraciado com o habito da Conceição, habito, commenda e grande officialato de Aviz.

Excessivamente bondoso, contava numerosos amigos.

Paz á sua alma.



Recebemos e agradecemos:

Atravez de Santarem, por João Arruda — Santarem — Imprensa Moderna — 1898.

Notas d'um chronista é o sub-titulo explicativo do genero do livro que o auctor nos offerece, prefaciado pelo sr. Alberto Pimentel.

Santarem é um bom assumpto para quem souber aproveitá-lo e explorá-lo devidamente. As suas lendas, as suas tradições, os seus monumentos inspiram respeito e interesse, como elementos historicos que se não devem desprezar.

O nosso collega do *Correio da Extremadura* sr. João Arruda dedicou este seu livro a umas notas sobre a curiosa e antiga povoação, ajuntando-as sob o titulo de *Atravez de Santarem*.

Tem uma feição litteraria muito especial o auctor, certa originalidade no dizer, e uma observação sceptica incongruente com o assumpto, todo composto de tradições muito respeitaveis, e que ao sr. Arruda não mereceram essa demonstração de apreço pelas cousas passadas.

O auctor demonstra talento e originalidade litteraria, mas como o assumpto não era proprio a ser tratado pela sua maneira, o livro não satisfaz os amantes e veneradores das cousas idas. Todavia, á parte essa incongruência de thema e estylo, *Atravez de Santarem* é livro interessante a mais de um respeito.

A edição é cuidada, fazendo honra á typographia de onde sahiu, e a capa apresenta uma miscellanea de diversos trechos característicos e conhecidos da velha *Scalabis*.

Annuario Estatístico de Portugal — 1892 — Imprensa Nacional — 1899.

Com o preço de 800 réis foi posto á venda este volume do útil e interessante *Annuario*, publicado pela Direcção geral da estatistica e dos proprios nacionaes, tendo sido os anteriores publicados pela extincta repartição de estatistica geral, do ministerio das obras publicas.

Embora difficuldades de ordem variada fizessem demorar muitissimo a sua coordenação e impressão, o presente *Annuario* é um livro de consulta muito importante, formando com os anteriores uma serie extensa de dados estatísticos interessantes.

Entre os dados novos que apresenta distinguem-se mappas relativos á pesca, movimento dos lyceus e dos hospitaes concelhios.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.